

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A extensão dessa crise vai ser medida pelo impacto dela sobre a China [The extent of this crisis will be measured by its impact on China"]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Quadros, Bruna
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-22 06:54:24
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/161410

tipo de instituição absorve as demandas sociais das massas excluídas?

Antonio Prado - Estamos vivendo, nos últimos 40 anos, uma grande conflagração política entre duas visões do mundo capitalista. Uma é essencialmente keynesiana, de que devemos ter o Estado intervindo de forma importante na economia, regulando e com instituições que permitam geração de emprego, de renda e de crescimento. Uma outra visão é a liberal, de que precisamos diminuir da forma mais drástica possível a participação do Estado na economia e sua regulação das atividades econômicas. Portanto, nesta conflagração, tivemos uma hegemonia liberal nesses últimos 40 anos. Passamos também por uma hegemonia keynesiana do período que vai do fim da Segunda Guerra até meados da década de 1970, durante, portanto, 30 anos. Infelizmente, o resultado é que essa hegemonia liberal nas políticas impediu que existisse uma distribuição de renda do crescimento ocorrido nesse período. Houve crescimento. O que não houve foi um avanço do bem-estar social em nível planetário. O que tem ocorrido recentemente, completamente fora desses mecanismos, é que alguns países, em que o Estado tem um papel relevante na economia, conseguiram processos de desenvolvimento que retiraram centenas de milhões de pessoas da pobreza, como é o caso da China e da Índia, por exemplo.

IHU On-Line - O que podemos esperar para os próximos meses?

Antonio Prado - Nesse momento, o mais relevante é acompanhar a negociação política desse pacote nos Estados Unidos e também a mobilização das instituições multilaterais para tratar desse assunto da regulação em escala planetária. Haverá a necessidade de acompanhar tanto o que ocorre nos Estados Unidos quanto o que ocorrerá em cada país em termos de revisão das suas regulações do sistema financeiro, de monitoramento das operações do sistema financeiro e também os debates nas instituições multilaterais. Estamos no limiar de uma mudança importante do ponto de vista do sistema financeiro mundial.

“A extensão dessa crise vai ser medida pelo impacto dela sobre a China”

Para o economista Carlos Lessa, a falência de bancos tradicionais revela que a crise norte-americana irá extravasar as fronteiras dos Estados Unidos, prejudicando a economia mundial

POR BRUNA QUADROS, GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

Entre altos e baixos, o cenário econômico norte-americano tem deixado o mundo em alerta. Será que o capitalismo chegou ao fim? Não. Ele tem “recursos para minimizar a crise”, afirma Carlos Lessa, em entrevista concedida por telefone à IHU On-Line, na última semana. Mas com tanta turbulência, aponta, o capitalismo vai “negar a sua ideologia de livre mercado, porque sofrerá uma intervenção do Estado para superar essa crise”. Ainda não há como medir os estragos dessa tensão, mas uma coisa é certa: “O Brasil já foi atingido”, garante Lessa, que justifica: “A bolsa de valores caiu violentamente, o real se desvalorizou, a taxa de câmbio subiu, e as empresas brasileiras que têm empréstimos no exterior estão com muitas dificuldades de renová-los”. Segundo ele, esses indicativos já estão comprometendo a economia brasileira de 2009, e, se medidas não forem tomadas, os brasileiros correm o risco de assistir a “uma bolha interna”. “Duvido que seja possível manter o crescimento explosivo de vendas a crédito às famílias brasileiras. Elas se endividaram de maneira assustadora nos últimos dois anos, e agora, como vão segurar o pagamento de suas prestações com os juros subindo?”, questiona. O momento é cauteloso e o Brasil deve “desenvolver políticas de controle de câmbio e de regulação das exportações”, aconselha. Ex-presidente do BNDES, Lessa é formado em Ciências Econômicas, pela antiga Universidade do Brasil, e doutor em Ciências Humanas, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas (Unicamp).

IHU On-Line - Como o senhor vê a crise financeira internacional? Acredita que ela pode provocar mudanças no capitalismo?

Carlos Lessa - Toda e qualquer crise provoca danos no capitalismo. Obviamente, esse tem recursos para minimizar a crise, mas, em última instância, negará a sua ideologia de livre mercado, porque sofrerá uma intervenção do Estado para superar essa crise.

O capitalismo já enfrentou muitas anormalidades e deu a volta por cima. Só que a superação não é instantânea. As crises sempre têm efeitos prolongados e de difícil enfrentamento. Então, nesse caso, a especulação financeira desenfreada comandada pelos bancos norte-americanos debilitou o sistema financeiro mundial e acabou com o papel do dólar como reserva mundial. O problema é que não tem um instrumento alternativo à moeda americana. Em torno desse instrumento alternativo, ocorrerá uma discussão geo-

política poderosíssima. Como o mundo agora é monopolar, não acredito que teremos uma guerra, como aconteceu no passado. Mas, de qualquer modo, passaremos por uma intensidade diplomática incrível. França, Alemanha e Rússia já disseram que é necessária uma reunião para reformular o sistema financeiro mundial. Por trás disso, esses países querem dizer que é preciso substituir o dólar por uma outra regra para estabilizar o sistema financeiro.

Crise abalou países conservadores

Impressionei-me ao ver que o principal banco Suíço, o UBF, extremamente conservador, perdeu 40 bilhões de dólares até agora. Isto é um indicador de que os bancos do mundo inteiro se moveram em direção aos derivativos norte-americanos, e por isso estão perdendo.

Com certeza, a turbulência não ficará restrita aos Estados Unidos, mas eu diria que a extensão dessa crise será medida pelo impacto dela sobre a China. Não tenho nenhuma informação atualizada do que está acontecendo com o país. Porém, certamente os Estados Unidos, principal mercado para a China, vai reduzir as compras, fazendo com que a crise se estenda até lá. As repercussões da crise no continente Asiático vão demonstrar a extensão de como e quanto o Brasil será abalado nas exportações. Nós somos exportadores de produtos primários que, nos últimos anos tiveram os preços melhorados, devido à presença chinesa. Se a crise norte-americana chegar até a China e os chineses reduzirem o ritmo das suas compras, isso será muito preocupante para o Brasil.

IHU On-Line - Qual o risco do Brasil ser atingido? Concorda com a postura do presidente Lula em demonstrar tranquilidade?

Carlos Lessa - O Brasil já foi atingido pela crise de alguma maneira, pois a bolsa de valores caiu violentamente, o real se desvalorizou, a taxa de câmbio subiu, e as empresas brasileiras que têm empréstimos no exterior estão com muitas dificuldades de renová-los. Assim, a reserva internacional brasileira começou a diminuir. Por

“O Brasil é um dos poucos países que têm condições de controlar uma situação dessas. Porém, é necessário mudar a política econômica, principalmente em sua dimensão monetária e cambial”

isso, nesse momento, o Brasil deveria desenvolver políticas de controle de câmbio e de regulação das exportações. Lula procura passar a idéia da tranquilidade, mas tem medo de uma mudança na classificação de risco brasileiro, o que agora seria uma coisa muito ruim para o país. Isso explica o discurso otimista.

IHU On-Line - Como o senhor avalia a economia brasileira, a partir do sentimento ufanista de crescimento econômico?

Carlos Lessa - O que aconteceu com a crise já comprometeu o ano de 2009. Quer dizer, os 5% que o Brasil cresceu em 2007 e 2008 ficarão na história como um “vôo de galinha”. 2008 já está comprometido por uma razão muito simples: os empresários sabem ler os sinais, e vão reduzir os projetos de investimentos. Por outro lado, duvido que seja possível manter o crescimento explosivo de vendas a crédito às famílias brasileiras. Elas se endividaram de maneira assustadora nos últimos dois anos, e, agora, como vão segurar o pagamento de suas prestações com os juros subindo? Se não houver novos empregos e se os empregos atuais ficarem abalados, as pessoas terão dificuldades para pagar as dívidas. Poderá acontecer o que eu chamo de uma bolha interna.

IHU On-Line - Acredita que, caso a crise atinja o Brasil, o país tem condições de controlar a situação?

Carlos Lessa - O Brasil é um dos poucos países que têm condições de controlar uma situação dessas. Porém, é necessário mudar a política econômica, principalmente em sua dimensão monetária e cambial. A política atual do Banco Central nos arrastou para esse precipício, e não acredito que eles mudem significativamente a política. Pelo contrário, vão insistir em atrair dólares para o país. No entanto, os dólares estão saindo do Brasil, apesar de o país ter indicadores muito melhores que os dos Estados Unidos.

IHU On-Line - Qual sua avaliação sobre o capital estrangeiro investido no Brasil? O que pode acontecer com a política de juros considerando o novo cenário financeiro internacional?

Carlos Lessa - Considero nefasta a presença desse capital especulativo dentro do Brasil. Há muito tempo, defendia controles na entrada desses investimentos no país, devido à insegurança desses capitais. Se depender do Banco Central, o juro será elevado, porque eles vão querer reter os dólares no Brasil de qualquer maneira, já que têm medo de uma desvalorização cambial. Se o país elevar mais os juros, o que poderia haver ainda de projeto de investimento privado em ampliação de produção, será paralisado.

IHU On-Line - Qual sua opinião sobre o uso do FGTS para a compra de ações de Petrobras?

Carlos Lessa - Não tenho nada contra a compra dessas ações através do uso do FGTS, porque os brasileiros compram pouco, cerca de 2, 2%. Não penso que seja ruim para os brasileiros, a longo prazo, serem donos de um pedaço da Petrobras. O que me deixou extremamente irritado foi a venda de mais de 30% das ações da Petrobras na Bolsa de Nova Iorque. Isso foi criminoso. Em 1983, 87% do capital da Petrobras era do tesouro nacional. Hoje, o valor se reduziu a menos de 40%. A maior parte do capital da Petrobras foi vendida ou na bolsa de Nova Iorque ou para estrangeiros na Bolsa de São Paulo.